



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
LICENCIATURA EM HISTÓRIA

THAYNARA RAIZA DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE COSMOLOGIA XAMÂNICA E IDENTIDADE YANOMAMI
NA NARRATIVA DE O SURGIMENTO DOS PÁSSAROS**

JOÃO PESSOA - PB

2025

THAYNARA RAIZA DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE COSMOLOGIA XAMÂNICA E IDENTIDADE YANOMAMI
NA NARRATIVA DE O SURGIMENTO DOS PÁSSAROS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso História, do Centro de Humanas, Letras e Artes
da Universidade Federal da Paraíba, como requisito
parcial para a obtenção do grau de licenciatura em
História.

Orientadora: Prof.^a Dr^a Telma Cristina Delgado Dias
Fernandes

JOÃO PESSOA - PB

2025

**Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação**

S586r Silva, Thaynara Raiza da.

A relação entre cosmologia xamânica e identidade yanomami na narrativa de o surgimento dos pássaros / Thaynara Raiza da Silva. - João Pessoa, 2025.
26 f.

Orientadora: Telma Cristina Delgado Dias Fernandes.
TCC (Graduação) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
2025.

1. Identidade. 2. Literatura. 3. Memória. 4.
Xamanismo. 5. Yanomami. I. Fernandes, Telma Cristina
Delgado Dias. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 94:82

THAYNARA RAIZA DA SILVA

**A RELAÇÃO ENTRE COSMOLOGIA XAMÂNICA E IDENTIDADE YANOMAMI
NA NARRATIVA DE O SURGIMENTO DOS PÁSSAROS**

Artigo apresentado ao Departamento de História do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Graduação em Licenciatura plena em História.

Orientadora: Telma Cristina Delgado Dias Fernandes
João Pessoa, 2 de outubro de 2025

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr^a Telma Cristina Dias Fernandes (orientadora)

Departamento de História (DH) – UFPB

Prof.^a Dr^a Cláudia Cristina do Lago Borges

Departamento de História (DH) – UFPB

Prof.^a Dr^a Serioja Rodrigues Cordeiro Mariano

Departamento de História (DH) – UFPB

Para a menina da comunidade periférica que sempre ousou sonhar grande. Menina tímida questionadora das injustiças do sistema. Moça que nunca se conformou em ter que pensar dentro da caixa. Ao avô que nunca teve a oportunidade de continuar os estudos, mas sempre sonhou em ver a neta doutora – *estou quase lá*. À mainha que se pudesse doaria tudo de si para que a filha não perdesse oportunidades. Querida criança, você não acreditaria se eu te dissesse..., mas Clarice ousou dizer: *Depois do medo, vem o mundo.*

Moça querida, vale a pena sonhar alto

AGRADECIMENTOS

A conclusão da minha graduação em história é uma conquista coletiva que engloba muitas pessoas que me afetaram ao longo da minha trajetória pessoal e profissional, algumas permanecem fisicamente, outras no coração e outras na saudade evocada pela memória. Primeiramente, gostaria de agradecer a minha mãe que sempre fez de tudo para me oferecer o que ela não teve na vida, mesmo com poucas condições ela sempre deu um jeito de me ofertar oportunidades, sobretudo no estudo. Passei a infância estudando como bolsista em uma escola privada da cidadezinha do interior. Eu só era contemplada pela bolsa porque meu pai era funcionário dos donos da escola. Painho, sinto muito por todas as situações de subserviência que o senhor precisou suportar como montador de móveis para que eu tivesse uma educação de qualidade. Ainda assim, sou extremamente grata pela oportunidade concedida a mim e ao meu irmão.

Nessa escola, pude aprender a língua portuguesa com a magnífica professora Genelva Nunes. Ingressando no ensino médio, conheci a excepcional professora de português Anne Eline, que também foi aluna de Dona Genelva. Foi também na EREMACOA onde conheci amigos que irei carregar comigo até o dia em que o esquecimento me alcançar, em especial meu querido melhor amigo Lenízio. Leno, nossa amizade transcende as concepções de tempo e espaço. Na EREM, tive professores incríveis que apesar das dificuldades enfrentadas pelo ensino público davam o seu melhor. Ermeson, o historiador que me fez criar o gosto por história e hoje me formou como historiadora; Vilmar, Eliane, Joelma, Adriano, Marília, Nelson, Elói, Breno, Nininho, Ramiro, Neide, João, Érica e minha querida Anne, essa conquista também é de vocês. Muito obrigada por tudo, vocês iam além do que o sistema permitia! Vocês são heróis da educação. Toda a minha base de conhecimentos é graças a vocês. Anne, obrigada por tanto, minha amiga!

Dona Luíza, Lia, vovó Biu (em memória) e dona Tonha sou muito grata por tanto acolhimento. O afeto de avó paterna que a mim foi negado desde o nascimento, sempre foi oferecido por vocês! Meus queridos (pets) Flash, Julieta, Candoca e Bambi, a vida é menos solitária com vocês. Querido tio Zé, tia Bia e tio Beto, obrigada por serem referência e por tanto afeto! Meus profundos agradecimentos a Tia Jau, Nilda, minhas duas madrinhas e primo Ivan por estarem sempre presentes na minha trajetória auxiliando, guiando e me acolhendo. Vovô Joaquim, sua risada permanece vívida em minha memória e onde quer que sua alma ou essência esteja, o senhor sempre será lembrado e essa conquista também é sua, obrigada por ter cuidado tanto da sua primeira neta. Vovô Luís, com seus 79 anos, sinto muito que a vida tenha sido tão

cruel com o senhor, tão inteligente... adoro nossas conversas de geopolítica. Ansiosa para lhe ver na minha colação de grau. Sua primeira neta a concluir o ensino superior.

Meus queridos amigos e amigas que conheci ao longo desse período caótico da graduação, vocês tornaram a caminhada mais leve. Vitória, Mahyra, Nah, Abel e Mattheus, embora o nosso ciclo de amizade tenha se encerrado, sou muito grata por tudo que vivi ao lado de vocês... foram muitos momentos de tensão, choro, risada e muito surto, mas todos sempre se acolhiam e doavam um pouco de si para curar o outro. Querida Vitória, minha parceira na luta através das bolsas... foram tantos não né amiga? Tantos choros com medo de ter que desistir da graduação, mas uma não largou a mão da outra e no final as coisas sempre deram certo. Querida Bely, nunca imaginei que seríamos tão próximas até dividirmos apartamento durante 3 anos, sua amizade é muito importante para mim, obrigada por tantos conselhos e acolhimento. Khris e Marjorye, vocês são muito especiais; a caminhada é mais leve com vocês, obrigada por tanto e por terem me levantado nos momentos em que o chão eram meu único refúgio!

Jay, prima querida, te admiro tanto... és uma inspiração para mim, sou muito grata por todo apoio que você me dá, desde sempre, amo a nossa amizade. Você é uma das melhores pessoas que a vida me presenteou. Cinthya, uma das melhores pessoas que o Prolicen me presenteou. Minha amiga querida, obrigada por tanto apoio, por tanta escuta. Isa e Kyanne, vocês foram o melhor presente do meu 2025. Meu amigo Rick, obrigada por tanto apoio... Querida tia Dêja, obrigada por tanto incentivo. Minha querida Cláudia, querida orientadora que tanto me acolhe, nunca imaginei que teria uma pessoa tão maravilhosa para me guiar, motivar e inspirar; obrigada por tanto! Querida Telminha, me faltam palavras para expressar meus sentimentos por você, você foi a pessoa que sempre segurou minha mão nesses 5 anos de graduação, principalmente nos meus piores momentos. Cursei a primeira disciplina com você e agora finalizo esse ciclo tendo você como orientadora; obrigada por tanto carinho e tanta sensibilidade. Querida Carla Mary, embora atualmente não faça parte dos seus amigos próximos, muito obrigada por ter sido uma mãe tão protetora, também briguenta, para mim.

Gratidão a todas as pessoas que contribuíram na construção da Thaynara que eu sou hoje. Finalizando esse ciclo, ao olhar para ... vejo que sou muito sortuda pela versão de mim atualmente, pois ela foi moldada por todos vocês e hoje me encontro na minha versão mais sensível e espiritualizada. O caminho até aqui não foi fácil, obrigada por serem inspiração, por serem redes de apoio. Tudo o que estou conquistando hoje, é fruto de muita luta e muito esforço... não trilhei esse caminho através da sorte, mas sou sortuda por ter vocês ao meu lado

hoje, ou apenas as memórias e aprendizado dos que seguiram por outras dimensões. Gratidão a força da natureza, aos passarinhos que eu converso todo dia pela manhã, gratidão a força ancestral que eu descobri pulsar dentro de mim. Essa conquista é nossa!

Quero agradecer também ao presidente Lula, boa parte da minha vida recebi assistência do programa bolsa família instituído em seu governo, assim como ingressei na universidade pública através do sistema de cotas também criado pelo querido presidente. Gostaria de agradecer ao governo do Estado de Pernambuco pelo auxílio fornecido através do programa PE no Campus, eu só consegui seguir meu sonho de vir morar na capital de outro estado para poder estudar, graças ao programa. Sou extremamente grata a Pró-Reitoria de Assistência e Promoção ao Estudante (PRAPE), pois foi através dos auxílios moradia e do restaurante universitário promovidos pela PRAPE que eu consegui garantir minha permanência na Universidade. Obrigada Coodernação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES); gratidão a Pró-Reitoria de Pesquisa (PROPESQ) e Pró-Reitoria de Graduação (PRG) da Universidade Federal da Paraíba.

Ao longo da minha trajetória, com muito esforço e dedicação, atuei no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), no Programa de Apoio às Licenciaturas (PROLICEN) e no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC); sou extremamente grata as agências promotoras das bolsas, hoje só estou podendo concluir graças a todo o auxílio financeiro oferecido pelas mesmas. O curso de história da UFPB é especial, pois os professores que o constituem são verdadeiros incentivadores e acolhedores, ao menos todos os que eu tive a oportunidade de conhecer e aprender com seus conhecimentos acadêmicos são brilhantes como professores doutores e como pessoa.

Meu irmão Hugo, todo meu esforço é para poder te oferecer um mundo melhor, um que mesmo painho e mainha se esforçando tanto nunca conseguiram me ofertar. Vocês ascenderão comigo! Meu desejo é que eu possa oferecer uma vida com menos sufoco para vocês. Obrigada a todos que, de alguma forma, fizeram e fazem parte da minha jornada, até mesmo as pessoas desconhecidas que contam a vida toda para mim em um ônibus lotado. Por fim, gratidão a mim que nunca me permitiu desistir, mesmo com tantas rasteiras que a vida me deu até agora. Gratidão por não permitir que a ansiedade fizesse eu me perder de mim e por sempre inventar formas para empurrar o céu e respirar!

Quando você sentir que o céu está ficando muito baixo, é só empurrá-lo e respirar.

(Krenak, 2020, p. 14)

RESUMO

Para a cultura de base eurocêntrica ocidental, a história do Brasil inicia-se a partir do falso descobrimento e, em decorrência desse “fato”, a colonização portuguesa. No entanto, para os povos originários, a história de Pindorama intercala com seus antepassados atemporais. Assim, para o povo Yanomami falantes da língua Xamatari Ocidental, sua história e a história do mundo se vinculam com a cosmologia ancestral, onde o cosmo, os espíritos *xapiri* e as concepções de vida humana (animais e pessoas), são fundamentadas pelo demiurgo Omaha. Atrelado a esse prisma, o conjunto de contos presente na obra *O surgimento dos pássaros*, criada pelo grupo Parahiteri, tem como foco apresentar a sabedoria ancestral Yanomami através das narrativas de surgimento do mundo, dos animais ancestrais e do tempo em que eles se metamorfoseavam constituindo crenças cosmológicas pautadas na Terra. Palavras como *naroriwë*¹, *hutukara*², *urihi*³ e *hutukawé*⁴, bastante presentes na escrita, exprimem a ponte atravessada entre os saberes xamânicos e o mundo invisível. Partindo dessa perspectiva, o presente artigo tem como objetivo analisar o universo integrado pela obra, enquanto literatura indígena, essencial para a concepção de xamanismo, para a perpetuação da memória coletiva e na contribuição do fortalecimento da identidade Yanomami. Desse modo, como arcabouço teórico-metodológico foram utilizados escritos de parentes indígenas, destacando seus lugares sociais de produção, bem como foram apresentados pontos de vista de pesquisadores ocidentais que se contrapõem a narrativa hegemônica de conhecimento científico e possuem um olhar sensorial para os saberes ancestrais.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade; Literatura; Memória; Xamanismo; Yanomami.

¹ Traduzindo da língua Xamatari para o português significa: o surgimento dos pássaros.

² “Hutukara é o nome xamânico do antigo céu que caiu no tempo das origens, formando a atual “terra-floresta” (*urihi a*)” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 609).

³ Tradução: Terra-Floresta.

⁴ Tradução: A queda do céu.

ABSTRACT

For Western Eurocentric culture, the history of Brazil begins with the false discovery and, as a result of this “fact,” Portuguese colonization. However, for the original peoples, the history of Pindorama interspersed with their timeless ancestors. Thus, for the Yanomami people who speak the Western Xamatari language, their history and the history of the world are linked to ancestral cosmology, where the cosmos, the xapiri spirits, and the conceptions of human life (animals and people) are grounded in the demiurge Omama. Linked to this prism, the collection of stories in the work *The Emergence of Birds*, created by the Parahiteri group, focuses on presenting the Yanomami ancestral wisdom through narratives of the emergence of the world, of ancestral animals, and the time when they metamorphosed, constituting cosmological beliefs based on the Earth. Words such as *naroriwë*, *hutukara*, *urihi*, and *hutukawë*, which are very present in the writing, express the bridge between shamanic knowledge and the invisible world. From this perspective, the present article aims to analyze the universe integrated by the work, as indigenous literature essential to the conception of shamanism, to the perpetuation of collective memory, and to the contribution to the strengthening of Yanomami identity. Thus, as a theoretical and methodological framework, writings by indigenous relatives were used, highlighting their social places of production, as well as presenting the points of view of Western researchers who oppose the hegemonic narrative of scientific knowledge and have a sensory view of ancestral knowledge.

KEYWORDS: Identity; Literature; Memory; Shamanism; Yanomami.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: OS PRIMEIROS CONTATOS ENTRE OS YANOMAMI E OS NAPË DETENTORES DA XAWARA	13
2. A LITERATURA YANOMAMI DOS PARAHITERI COMO UM ESPAÇO DE ALTERIDADE E RESISTÊNCIA.....	15
3. COSMOLOGIA XAMÂNICA YANOMAMI PRESENTE NA NARRATIVA DE “O SURGIMENTO DOS PÁSSAROS”	17
4. A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E A ANCESTRALIDADE YANOMAMI NA NARRATIVA.....	21
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	24
REFERÊNCIAS	25

INTRODUÇÃO

Na matina ou à tardinha, é comum, mesmo nas cidades sustentadas pelo concreto, ouvir o canto dos pássaros, principalmente dos bem-te-vis e cambacicas, os quais, por vezes, são admirados, outras vezes nem mesmo notados no ambiente onde as pessoas estão mergulhadas numa cultura ocidental que considera a natureza como um recurso a ser explorado. Em contraste a essa lógica, para a cosmologia de etnias indígenas, os pássaros representam características e comportamentos comunitários, presságios ou mesmo podem ser relacionados à cura de doenças, a exemplo do povo Yanomami⁵.

Assim, de acordo com o líder indígena Davi Kopenawa (2013, p. 153), há um pássaro especial para a cultura Yanomami cujo nome é *Ayākorari*. Ele habita a morada sagrada dos espíritos *xapiri* e ajuda os humanos através da sua prática de cura. A partir do exemplo acima, percebe-se a dimensão de poder que a natureza possui no cosmo Yanomami, tal posição é percebida através da memória coletiva construída pelos conhecimentos orais que perpassam gerações, integram a ancestralidade e concebem as *oraturas* e literaturas indígenas.

Entretanto, parafraseando a obra analisada, como os pássaros surgiram? O título abarca uma ontologia metafórica em que, segundo o grupo Parahiteri/Kepropë⁶, “As cores dos pássaros vêm daquele momento, quando se transformaram em animais, naquele mesmo lugar, com o sangue derramado.” (Parahiteri, 2022, p. 27). Para além da metamorfose dos pássaros, a narrativa dos Kepropë se aprofunda nos saberes que abarcam a história do mundo no cenário onde os ancestrais, espíritos em forma de animais e que também são humanos, criaram hábitos que moldaram o primeiro mundo, a *Hutukara*, e que posteriormente formou a estrutura que conhecemos hoje.

Um aspecto interessante, bastante comum nos contos, é a dualidade presente na natureza, a qual é exemplificada de forma complexa ao passo que bem e mal são elucidados como aspectos comuns e cruciais para a cosmologia Yanomami. Foram os espíritos animais, transcritos na obra, que conceberam a inveja, o choro, os sonhos, os rituais e até mesmo ensinaram a proliferar o fogo; assim como também ensinaram aos Yanomamis a importância

⁵ “Simplificação do etnônimo Yanomami, termo que, seguido do plural tēpë, significa “seres humanos” em yanomami ocidental” (Kopenawa; Albert, 2015, p. 609).

⁶ Kepropë é outra nomeação dada ao grupo pajés Parahiteri.

da floresta, da terra, das montanhas, dos pássaros e das águas para suspender o céu da *Urihi a pree*⁷.

Seguindo como norte as perspectivas acima, a pesquisa vigente teve como objetivo se aprofundar na relação entre o xamanismo Yanomami e o fortalecimento dos conhecimentos ancestrais entrelaçados ao equilíbrio da *Urihi*. Desse modo, o livro *O surgimento dos Pássaros* ocupa um papel de resistência e resguardo da memória coletiva do Povo Yanomami, ancorando-se nos ensinamentos dos seus antepassados, principalmente dos espíritos *xapiri*, os quais estão pautados no respeito, proteção e pertencimento a Terra. Esse dinamismo de interpretação cosmológica afeta de forma sensível e epistemológica as relações sociopolíticas e históricas entre os Yanomami e os *napé* detentores do pensamento hegemônico, destrutivo e mercadológico.

Ademais, a obra analisada amplia sensações de alerta para a realidade de ebullição climática atual e permeia discussões em torno de um futuro firmado na relação com a ancestralidade ao lado dos conhecimentos indígenas, um futuro que “não se trata de um manual de vida, mas de uma relação indissociável com a origem, com a memória da criação do mundo e com as histórias mais reconfortantes que cada cultura é capaz de produzir” (Krenak, 2022, p. 52). Nesse sentido, atravessada pela narrativa dos Parahiteri, esta pesquisa é resultado de um ano de atuação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), mais especificamente no projeto História, Arte Literária e Política: Literatura Yanomami.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA: OS PRIMEIROS CONTATOS ENTRE OS YANOMAMI E OS NAPÉ DETENTORES DA XAWARA

Após a invasão de Pindorama pelos portugueses, a principal forma utilizada para colonizar os povos originários, considerados inferiores, foi por meio da catequização amplificada pela criação dos aldeamentos administrados pelos jesuítas onde o processo de assimilação cristã, na grande maioria das vezes, era realizado forçosamente. O sistema colonial vigorou por mais de 300 anos, no entanto, mesmo após a independência do Brasil, o império, as diversas fases da república e até os dias atuais os padrões coloniais permanecem incrustados na estrutura, onde a colonialidade abarca todas as esferas democráticas.

⁷ Para os Yanomami, a palavra Urihi pode significar floresta e terra, no sentido de território. Além disso, a palavra pode abranger a noção de mundo através da expressão Urihi a pree “a grande terra-floresta”. Para mais informações, acessar <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>

Os povos indígenas do antigo Norte, agora nordeste, foram os que mais sofreram com o impacto colonial nos primeiros séculos da colonização. No caso do povo Yanomami, por estarem localizados de forma isolada na região amazônica, entre os territórios brasileiro e venezuelano, tiveram os primeiros contatos com os *napë* (brancos) gradualmente em meados do século XX, efetivamente entre 1940 e 1970 com as missões evangelizadoras, as instalações dos postos do Sistema de Proteção ao Índio (SPI)⁸ e a criação da rodovia Perimetral, ambos mencionados na obra *A queda do Céu: Palavras de um xamã Yanomami*, livro desenvolvido por Davi Kopenawa e Bruce Albert.

A lógica de desbravamento da Amazônia propagada durante os anos de chumbo da ditadura militar, intrinsecamente atrelada a necessidade de fortalecer a segurança nacional, se estendeu para as convenções de fronteiras geopolíticas das Terras Indígenas, no projeto de integrar e desenvolver o país através do controle e opressão dessas populações praticados tanto pelo Estado quanto pela exploração de terceiros. Nesse sentido, o intenso contato de agentes neocoloniais, sobretudo garimpeiros e indigenistas, com os Yanomami provocou choques culturais intensos, além de surtos epidêmicos de doenças como sarampo e malária que ocasionou grande morticínio da população.

Mergulhando-se no cenário de muitas disputas e lutas internacionais, o Território Indígena Yanomami foi demarcado e homologado pelo Estado democrático brasileiro no ano 1992, no entanto a lei não é seguida a rigor e práticas da colonialidade, como o garimpo ilegal, se perpetuam efetivamente expondo os Yanomami a condições desumanas de existência até os dias atuais. Além disso, as políticas indigenistas desenvolvidas pelo Estado acabam sendo movidas por interesses patrimoniais que por vezes negligenciam ou efetivam o direito indígena à Terra e a cidadania, provocando um continuum de avanços como a criação do Ministério dos Povos Originários em 2023 e retrocessos como o Projeto de Lei 2.159/2021 denominado “PL da devastação”.

Neste contexto, Kopenawa destaca em *A queda do céu* que o olhar dos seus ancestrais para os *napë* era de curiosidade e acolhimento, nunca imaginaram que, no futuro, seu povo e seu Território passaria a ser constantemente violentado e negligenciado por eles. Hodieramente, a tão sagrada *Urihi* onde os Yanomami vivem sangra, chora e suplica por

⁸ Substituído em 1967 pela Fundação Nacional do Índio (FUNAI) através da lei nº 5.371.

equilíbrio à medida que garimpeiros detentores da epidemia *Xawara*⁹ e fazendeiros que reivindicam pastos novos sob o sangue Yanomami atuam como algozes neocoloniais legitimados pela ausência/projeto do Estado.

De modo mais amplo, para Quijano (2005), é na América Latina onde se configura a matriz do poder colonial racializado e, posteriormente, no cotidiano pós-colonial periférico, pois, é nesse espaço geo-histórico onde se moldam os padrões da colonialidade alicerçados nas amarras do eurocentrismo em instâncias do poder, ser, saber e viver. Assim, mesmo que no Brasil, segundo o último censo demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), haja cerca de 1,7 milhão de pessoas indígenas, estas permanecem em situação de sub cidadania através da marginalização e revelia do Estado cuja colonialidade configura quem é digno de viver, exercer a cidadania e defender seus direitos.

Apesar do contexto catastrófico constituído pela colonialidade, a literatura indígena Yanomami atua como um mecanismo de resistência que grita em frequências ultrassônicas com seu corpo extremamente afetado, visto que as veias que norteiam os traçados e transportam o sangue humano são as mesmas que criam a correnteza frenética dos rios e conectam as raízes das árvores da cosmológica *Urihi*. Nesse sentido, as literaturas permeadas pelas *oraturas* indígenas contrastam com a perspectiva de uma humanidade alienada na lógica da *servidão voluntária* (Krenak, 2020, p. 8) e pautada em princípios homogêneos de civilidade, os quais transformam os lugares vinculados à Terra em grandes centros urbanos sustentados pelo concreto. Tal ideia de modernização fundamentada na colonialidade, segundo Krenak (2020, p. 9), atua constantemente na desvinculação das pessoas de suas comunidades, suas origens e sua memória ancestral - legitimadora da alteridade - para *integrar o clube da humanidade* (p. 14) e se desconectarem de suas raízes.

2. A LITERATURA YANOMAMI DOS PARAHITERI COMO UM ESPAÇO DE ALTERIDADE E RESISTÊNCIA

Para compreender a estrutura literária desenvolvida pelos escritores na obra *O surgimento dos Pássaros*, é de crucial importância observar as contribuições do linguista Roland Walter ao desenvolver o prefácio do livro *Contrapontos da literatura indígena contemporânea*, autoria da Graça Graúna. Segundo Walter (2013, p. 10), a literatura tem o

⁹ Para os Yanomami, o termo *Xawara* remete a doenças contagiosas que se espalham como fumaça (Kopenawa; Albert, 2015, p. 613).

poder de desconstruir os paradigmas coloniais de uma não identidade impostos às nações indígenas pan-americanas e aos afrodescendentes e contribuir na reafirmação de identidades pautadas no pertencimento à terra e no fortalecimento da memória ancestral coletiva.

Seguindo esse pressuposto, o desenvolvimento das literaturas indígenas através das *oraturas* (conhecimentos perpassados oralmente) está diretamente ligado a concepções de resistência epistemológica. Além disso, as análises de Graúna (2013) proporcionam olhares plurais acerca das identidades indígenas no Brasil, bem como auxilia na compreensão da ancestralidade construída através da terra onde os ancestrais pisaram e que é nutrida pelos Kepropë. Todavia, Graúna elenca sobre a necessidade de observar as especificidades desse campo literário que se contrapõe aos cânones repletos de estereotipias.

Nesse sentido, ao trazer a memória viva Yanomami, os Kepropë transferem as *oraturas* de seu povo carregando o sentido de “interiorizar a história, a auto-história, as nossas raízes” (Graúna, 2013, p. 47), ou seja, ainda que haja tentativas de fragmentar e excluir para que a ontologia da Terra continue sendo fraturada pelos padrões pós-coloniais, a literatura indígena contemporânea grita em defesa de sua ancestralidade e permanência ao Território. Desse modo, as *oraturas* Yanomami ao serem transcritas para a escrita literária ampliam as vozes e sensações performáticas multidimensionais, através das palavras, da subjetividade dos saberes orais (Schiffler, 2017, p. 125-126).

Embora ainda haja uma resistência dos cânones para consagrар o campo da literatura indígena, *O surgimento dos Pássaros*, atrelado ao ponto de vista de Graúna, destaca a importância da apropriação desse lugar de fala e escrita indígena para a elaboração de novas perspectivas de mundos e integra o cenário de tradição literária e poética do Brasil (Graúna, 2013, p. 64) ao mesmo tempo que se contrapõe aos padrões de hegemonia, pois, desperta a consciência crítica, política, histórica e cultural mergulhadas em seu “lugar social de produção”, conceito desenvolvido pelo historiador francês Michel de Certeau (1982, p. 55-88).

Além disso, ao fazer análises sensíveis e contra hegemônicas, as histórias ancestrais presentes na narrativa podem ser compreendidas como elementos importantes na transmissão de memórias, pois através dela é possível dimensionar a perpetuação de saberes Yanomami de forma atemporal, além de demonstrar a essencialidade das *oraturas* em ocupar o espaço da escrita literária e, assim, elevar as concepções de identidade indígena. Ao abordar narrativas onde o espaço-tempo é atravessado ciclicamente, os Parahiteri se conectam diretamente com parâmetros vislumbrados em *A queda do céu*.

Uma vez relacionada às duas escritas, percebe-se que as dinâmicas entre passado, presente e futuro mesclam-se de forma que a cultura ocidental não consegue padronizar, moldando, intrinsecamente, a cosmologia xamânica Yanomami enraizada na natureza. Desse modo, ler *A queda do céu* relacionando com o pensamento dos Parahiteri permite diversas ressignificações na compreensão literária, sobretudo no entendimento de termos essenciais para a sustentação cosmológica dos Yanomami e da temporalidade abarcada.

Por fim, o vínculo nutrido entre múltiplas etnias firma o campo das literaturas indígenas enquanto força simbólica, material e em movimento contra narrativo das epistemes eurocentradas, denunciando as políticas de genocídio e etnocídio institucionalizadas. Ainda que seja empregada uma necropolítica que fratura brutalmente o planeta e desumaniza os povos tradicionais que o defendem, empurrando-os às margens, o espaço de resistência que é ocupado pelas literaturas indígenas propiciam um gás a mais na luta pela demarcação do território. À medida que cada vez mais pessoas não indígenas deleitam-se através dessas narrativas, suas capacidades criativas são despertadas passando a destoar da mentalidade de uma humanidade homogênea que consome recursos naturais para abraçar as cosmologias cuja base reverencia esse organismo pulsante – a mãe Terra.

Observando o cenário catastrófico onde “deixar viver” (Mbembe, 2015, p. 123) apenas algumas “amostras grátis” (Krenak, 2020, p. 12) do planeta e dos povos originários, ainda categorizados como *exóticos*, este ainda propicia o respiro nauseante e estarrecedor do garimpo ilegal, do desmatamento, das grilagens de terra, do passamento da boiada, da violação e contaminação dos corpos Yanomami, do extermínio da fauna e flora e da desumanização. Todavia, ainda que tudo isso ocorra atualmente, a resistência dos povos originários é milenar e o movimento das literaturas indígenas vem conquistando cada vez mais pessoas que se enlaçam com a causa indígena e a enxergam como o único futuro possível, pois ela invoca os antepassados através do cordão umbilical ontológico da Terra e é responsável pela sustentação da nossa *Urihi*.

3. COSMOLOGIA XAMÂNICA YANOMAMI PRESENTE NA NARRATIVA DE “O SURGIMENTO DOS PÁSSAROS”

Para debruçar-se em narrativas desenvolvidas por escritores indígenas, é necessário se desvincular da decifração dos parágrafos, como se fossem fiscais da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT), pois é extremamente importante dar atenção a evocação das

sensibilidades através do olhar, cuja curiosidade delibera a invenção infinita de cosmos. Desse modo, o capítulo *Contra a interpretação*, contido na obra *Contra a interpretação e outros ensaios*, proporciona arrepios literários, uma vez que a ensaísta Susan Sontag destaca a importância dos sentidos, em contraste aos padrões estabelecidos pelo cientificismo ocidental para hierarquizar o que deve ser considerado civilizado e primitivo, padrões esses que ditam as diferenças entre forma e conteúdo nas artes e na literatura.

Outrossim, a autora contextualiza com exemplos de como fazer esse tipo de análise em algumas obras específicas sem causar desfigurações e explica a importância de haver uma transparência para enxergar as formas como elas são, mas frisa a dificuldade que há em alcançar esse grau, visto que a cultura pós-moderna fundamentada no consumo exacerbado acaba alienando o exercício de sentir o mundo. Para Sontag (2020, p. 11-31), a busca por uma tradução que faça sentido contextual e pela necessidade de interpretação das entrelinhas a todo custo, causam esvaziamento e depreciação das sensações e do intangível.

Na escrita dos Krepopé, esse ponto de vista está atrelado ao impacto ontológico que a cosmologia Yanomami provoca no poder inventivo dos leitores ao se desvincular da lógica mitológica delineada por categorias e silenciamentos, para poder ocupar um espaço de acolhimento da alteridade dos sentidos. Desse modo, as danças e os rituais descritos em *O surgimento dos Pássaros* carregam consigo elementos de natureza poética que encantam através da evocação do que é sagrado: a energia revigorante das florestas, dos rios, das montanhas e dos espíritos *xapiri*.

Ao pensar na literatura indígena como elemento fundamental na salvaguarda da cosmologia ancestral, a escrita do grupo Parahiteri agrega de forma rica e singular nesse processo, tendo em vista que os escritores exploraram, de forma fervorosa, os elementos simbólicos que preenchem suas histórias com aspectos essenciais da memória coletiva Yanomami. Entre eles estão os “antepassados animais yarori¹⁰” (Kopenawa; Albert; 2015, p. 117), referindo-se à temporalidade de quando os animais se metamorfosavam com mesclas antropomorfas e “os xapiri, tão numerosos e poderosos” (Kopenawa; Albert; 2015, p. 84), em alusão aos espíritos criados por Omama para proteger e equilibrar a natureza contra as ações dos seres maléficos portadores das doenças *Xawara*, criados por Yoasi, irmão de Omama.

Nesse prisma, *yarori* e *xapiri* são elementos que constroem a cosmologia xamânica, pois estão vinculados à criação dos humanos, dos hábitos e dos rituais ancestrais cultuados.

¹⁰ Traduzindo da língua Xamatari para o português, a palavra *Yarori* significa ancestrais animais.

Desse modo, a ponte construída entre os mundos (visíveis e invisíveis) só é possível graças a vinculação pluridimensional com os xamãs, criando assim, a ontologia xamânica. Os aspectos ontológicos são evidenciados através dos sonhos e visões, nos quais a separação (para o ocidente, imagina-se que tenha) entre passado, presente e futuro não existe e o espaço-tempo se intercala ciclicamente em torno do equilíbrio natural determinado pela energia ancestral, cuja potência multidimensional protege os ecossistemas da Terra e os habitantes que a defendem com sua memória através da oralidade, das *oraturas* e das literaturas que reverenciam a ancestralidade.

Além disso, ao relacionar *A queda do céu* e *O surgimento dos Pássaros*, o leitor é impactado com a ótica de funcionamento do cosmo ligada aos espíritos ancestrais, os quais garantem a existência dos seres, incluindo o planeta, pois, segundo Kopenawa e Albert (2015), a natureza pertence a *në roperi*¹¹, esta, ao ser chamada pelo xamã, canta e dança com outros espíritos ancestrais para fertilizar a floresta. Caso isso não ocorra, a natureza perde a sua abundância e seu fôlego de vida, entra em colapso, o céu cai e todos morrem – inclusive os brancos destruidores.

Tais aspectos ancestrais que norteiam os costumes do povo Yanomami estão vinculados ao diálogo que Krenak e Viveiros de Castro fazem no projeto *Partículas particulares – Conversa na rede*, desenvolvido pelo canal SELVAGEM: ciclo de estudos sobre a vida. Em conversa, ambos discutem acerca dos pressupostos do “*conhecimento em estado selvagem*”, cujo conceito evoca o saber dos povos da floresta contrastando com a concepção científica ocidental. Nesse sentido, o *estado selvagem* não é sinônimo do primitivo, mas sim do que não foi categorizado pela colonialidade, pois, é um conceito que abarca perspectivas de mundos plurais que estão à margem da civilização determinada, até então, pela sociedade da mercadoria¹².

Esses conhecimentos agregam o mistério da sabedoria dos xamãs, então mentores e guardiões da ancestralidade em fruição com a natureza, são eles que transitam entre os mundos e possuem a responsabilidade de acalmar os *xapiri* para manter a estabilidade cósmica. Sem o trabalho dos xamãs, o segundo céu já teria caído. Desse modo, a escrita dos Parahiteri, em

¹¹ Tradução: Imagem-espírito da fertilidade.

¹² Frase associada ao pensamento de Davi Kopenawa acerca dos napë.

conformidade com o equilíbrio, firma a literatura como um campo de força e ressignificado do protagonismo Yanomami desmembrando-se dos estilhaços da colonialidade.

É curioso o fato de que embora os escritores ultrapassem o horizonte norteado pelo título *O surgimento dos Pássaros*, eles introduzem a narrativa contando a história do tempo da metamorfose dos pássaros e concluem através da história do pássaro *Siikekeatawë*, cujo canto faz “*Siikekeã, keã, keã*” (p. 105). De acordo com os autores, ao lado de seus avós, esse pássaro sobrevoou o rio transformando-se em um espírito de ave com cauda vermelha que multiplicava a sua imagem. Além disso, seus avós são os ancestrais responsáveis por perpassar o ritual *Yaimou*¹³ para o povo Yanomami, ao passo que os irmãos de seus avós se transformaram em *napë*.

A partir desse contexto, nota-se o papel grandioso que os pássaros possuem no espaço cosmológico e dentro da narrativa suas personalidades estão sempre vinculadas a ensinamentos, a cura e a proteção baseada na espiritualidade da natureza. Para além dos pássaros, os *xapiri*, por vezes mencionados com características similares na narrativa, possuem uma relação ontológica com os xamãs, algo intrigante, pois eles agem através dos sonhos, nos quais os pajés percorrem diversos cosmos com seu auxílio.

Todavia, a significância dos *xapiri* não pode ser delimitada por lapsos temporais, pois suas danças e cantos acontecem no limiar entre mundos e é por meio dos sons do maracá que eles são evocados pelos xamãs no intuito de manter o céu suspenso. Desse modo, todos os laços efetivados pelos Yanomami são determinados pela estabilidade da *Urihi*, perspectiva que *confluencia* com a noção de território de todas as outras etnias do Brasil, pois, como diz o saudoso escritor Nêgo Bispo “Quando a gente confluencia, a gente não deixa de ser a gente, a gente passa a ser a gente e outra gente – a gente rende. A confluência é uma força que rende, que aumenta, que amplia. Essa é a medida” (Santos, 2023, p. 6-7). Ou seja, é através das *confluências* que a memória da Terra permanece viva.

Pensando em paradigmas mais amplos e estruturantes, ao analisar a obra, é inconcebível interpretar as personalidades presentes nas histórias como míseras personagens, uma vez que na cosmovisão ocidental, tal conceito é constantemente atrelado aos contextos ficcionais. Logo, observá-los enquanto personagens é como andar beirando um abismo onde a qualquer momento pode-se despencar nas estereotipias e categorizá-los como lendas e partes do folclore. Ao

¹³ “*Yaimou é uma luta ceremonial realizada em festas de aliança*” (Parahiteri, 2022, p. 98).

contrário, as histórias ancestrais estão vivas na oralidade dos povos indígenas, cada etnia com suas especificidades, mas que sempre há *confluências* com um elemento comum: a relação de pertencimento com a natureza enquanto organismo vivo.

É essa *confluência* que fortalece a luta dos povos indígenas. Além disso, os espaços permeados pelo ponto de vista das *oraturas* e, por conseguinte, das literaturas indígenas resultam em novas estratégias de resistência política e epistêmica que realiza o trabalho de resgatar e preservar as memórias, portanto, os aspectos constituidores da alteridade originária. Desse modo, assim como os xamãs são guias espirituais que administram o saber ancestral, as escritas literárias se posicionam como guardiãs da memória em palavras que perfuram a bolha da colonialidade.

4. A RELAÇÃO ENTRE MEMÓRIA E A ANCESTRALIDADE YANOMAMI NA NARRATIVA

Um elemento muito importante para a cultura Yanomami, demonstrado de forma sutil e penetrante no livro analisado, é a sua relação com a memória, onde a ancestralidade é devotada de modo coletivo através do pertencimento ao território. Seguindo esse prisma, de acordo com o sociólogo francês Maurice Halbwachs, a memória coletiva “É uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente, aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém” (2006, p. 56). Logo, Halbwachs interpela acerca do papel que a memória coletiva desempenha na subjetivação da memória individual de pessoas que convivem em grupos em comum onde há frequente rememoração de suas tradições.

Relacionando com a cosmologia Yanomami, a concepção de memória coletiva pensada pelo sociólogo atua como forma de preenchimento identitário, onde seu conjunto de crenças, hábitos e rituais é fortalecido e seus anciãos são considerados os mais sábios, portanto, os detentores e transmissores do conhecimento ancestral para as gerações subsequentes. Na narrativa de *O surgimento dos Pássaros*, todas as histórias abarcam concepções de cosmos destoantes do campo de memórias e lembranças ocidentalizadas, pois, para os falantes da língua Xamatari, tal campo inventivo converge com aspectos comuns do seu cotidiano nos *xaponos*¹⁴. Ademais, ainda no campo das memórias, as lembranças e o esquecimento ocupam um espaço

¹⁴ Espécie de casas coletivas, em formato circular, onde vivem os Yanomami.

de sensibilidade interessante, pois, Halbwachs (2006) salienta a relevância da rememoração de eventos e circunstâncias individuais e coletivas para os grupos sociais.

Dessa maneira, a elaboração das narrativas contidas na obra *O surgimento dos Pássaros* atinge o espaço inventivo das lembranças funcionando como uma ferramenta que estimula a memória ou a rememoração, por exemplo: os pássaros se metamorfoseando com a morte da personalidade Mel; a situação dos quatis antes de se transformarem em Yanomamis; a constituição dos rituais da morte a partir da proliferação do fogo da personalidade Jacaré; a transformação de gente em cupim e dos cupinzeiros, por intermédio de um dilúvio ocorrido no primeiro tempo; o afundamento dos *Xiritowëteri*¹⁵ no rio *Xitipa*, transmutando-se nos eternos *Keopëteri*¹⁶; e a primeira queda do céu que empurrou alguns habitantes da Terra para viverem no subsolo enquanto outros sobreviveram nas montanhas.

Os trechos mencionados acima estruturam as histórias, mas é importante frisar que nem todas que estão no livro foram exemplificados acima, de modo que, para Halbwachs constituem “*sementes de rememoração*” (2006, p. 18), pois evocam as lembranças de seus antepassados que vibram intemporalmente e legitimam a palpabilidade da cultura dos Yanomami falantes da língua Xamatari ocidental. Essas lembranças evocadas na escrita, nutrem a memória coletiva de resistência aos apagamentos sistêmicos.

Ademais, a memória também é perpassada através das sensações que penetram os corpos, nesse sentido, os olhos do leitor deleitam-se com o ritmo poético reconfortante e revigorador explorado pelos autores, os quais tangenciam à magia e mistério das percepções. É possível relacionar essas sensações que são despertadas por esse universo cosmológico às discussões de Sontag e de Krenak. Ao propor despertar “os paraquedas coloridos” da imaginação, Krenak (2020, p. 15) chama o leitor a conhecer e se perceber no cosmo, explorando também o campo performático discutido por Sontag. Nesse viés, a perspectiva de ambos dança entrelaçadas numa sensibilidade epistemológica onde a literatura identifica com vivacidade a potência ao grafar a presença do sagrado xamânico.

Como exemplo desse enlace dançante na narrativa, há a circunstância em que Escorpião flecha Lua, o devorador do filho de Paricá¹⁷, mas Lua transforma as flechas em espíritos

¹⁵ Na narrativa, é o nome dado em xamatari aos convidados para a festa do pajé Xiiritowë (Parahiteri, 2022, p. 72-74).

¹⁶ Tradução segundo os Parahiteri: Os afundados.

¹⁷ A personalidade vigente recebe o nome da árvore Yäkoana, que produz o pó alucinógeno utilizado em rituais pelos xamãs Yanomami.

enquanto seu sangue escorre criando guerreiros Yanomami que matam todos que estavam juntos no *Xapono* - assim surgiram os ancestrais do povo Yanomami (Parahiteri, 2022, p. 83-87). Contrapondo-se aos padrões de interpretação mitológica, o trecho citado propicia que o leitor tenha experiências sensíveis, onde a estética poética abraça as entrelinhas e a transcrição da *oratura* consubstancia com profundidade a cosmologia yanomami atravessada pela memória ancestral.

Há um trecho interessantíssimo na história *Kasimi e o neto*: “Quando começaram esses eventos, os antepassados logo ficaram espertos, que antes não eram. Quando brigavam, era como uma dança, e simplesmente não paravam de rir. Quando havia guerra, não sabiam reagir e só faziam pajelança” (Parahiteri, 2022, p. 93). As palavras mencionadas fazem reverência aos hábitos que os espíritos *xapiri* ensinaram aos ancestrais dos Yanomami através das ações que Kasimi tomou para alcançar a eternidade. Nesse momento, os rituais e demais festas foram concebidos como elementos essenciais para o desenvolvimento da pajelança além dos limites espirituais do xamanismo e engloba a vitalidade cósmica.

Além da importância da memória, outro prisma muito comum, tanto na narrativa como na fundamentação da cultura Yanomami no geral, é a percepção de que os animais em espírito, tanto nos antepassados como atualmente, se enxergam como humanos, assim, antes mesmo da queda da *Hutukara*, os seres criados por *Omama* e habitantes da *Urihi* eram animais que também eram gente. Nesse sentido, o antropólogo Eduardo Viveiros de Castro, mesclando pressupostos do antropólogo estruturalista Lévi-Strauss, postulou o conceito acadêmico do *perspectivismo ameríndio*, buscando explicar a alteridade ontológica Yanomami e de outras etnias com cosmologias similares.

Para Viveiros de Castro (2008, p 32), o *perspectivismo* é “a concepção indígena segundo a qual o mundo é povoad de outros sujeitos, agentes ou pessoas, além dos seres humanos, e que vêem a realidade diferentemente dos seres humanos”. Desse modo, não haveria distinção e muito menos complexo de superioridade entre as concepções de humano e animal, pois a lógica humana converge com a animal, com a natureza, não no sentido mitológico ocidental de ser, mas sim com bases na heterogeneidade epistemológica xamânica.

O elemento basilar do *perspectivismo ameríndio* é a natureza, o chão como organismo cujas veias alcançam os confins do mundo, para assim “Evocar diferentes histórias de fundação” (Krenak, 2022, p. 18). O trecho anterior faz referência ao *futuro ancestral*, defendido pelo escritor Ailton Krenak em seu livro com mesma titulação e que, segundo o autor, o trecho

destaca o encanto permeado pelas “cartografias afetivas” (Krenak, 2022, p. 23) para indicar realidades inventivas com múltiplas gradações de mundo, antes relegadas a subalternidade dual do ocidente sugador de memórias.

Portanto, ao traçar aproximações com as histórias da obra analisada, “*O surgimento dos pássaros; A transformação dos quatis; A proliferação do fogo; O surgimento do cupim; Os levados pelo rio; A queda do céu; O sangue de lua; Kasimi e o seu neto; O pássaro siikekeata*”, tais narrativas expressas dentro do livro, criam e recriam mundos possíveis e inteligíveis, possibilitando a invenção de “*paraquedas coloridos*” (Krenak, 2020, p. 15) que tonalizam o cinza do concreto e suspendem o segundo céu, tendo em vista que, de acordo com o conto *Hutukararariwë*, o primeiro céu caiu e esmagou alguns dos ancestrais da terra, os quais se tornaram *Amahiri*, ou seja, os povos que vivem no subsolo (Parahiteri, 2022, p. 75-78).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma diversidade de literaturas indígenas é produzida a partir das *oraturas* transmissoras da memória coletiva, sendo utilizadas como instrumento de perpetuação dessas memórias e no fortalecimento da identidade indígena para além das margens relegadas pela dita civilização ocidental. Assim, a cosmologia xamânica presente na obra *O surgimento dos Pássaros* explora as concepções ontológicas do conhecimento entrelaçado à ancestralidade e ao equilíbrio do ecossistema. Nesse sentido, a análise da obra e a produção do artigo proporcionou novas percepções acerca da multiplicidade de dimensões que abarcam o cosmo Yanomami, os quais se difundem através das sensações frenéticas que pulsam em sincronicidade com a Terra.

Outrossim, a literatura Yanomami (re)existe abarcando aspectos sensíveis que transitam por uma poética estetizada, assumindo espaços concretos da luta indígena e determinando as concepções de mundos invisíveis que se tornam palpáveis através da capacidade imaginativa e exploradora de sentidos do leitor, desvinculando-o da perspectiva racionalizada da cultura pós-colonial. Logo, a narrativa de *O Surgimento dos Pássaros*, e tantas outras do universo cosmológico Yanomami assevera que a floresta permaneça de pé, os rios fluam em correntezas rítmicas dançantes, os mares respirem, os animais continuem a produzir os sons da diversidade e as montanhas sintam a brisa dos ventos com alívio. Na perspectiva ancestral dos povos indígenas pensar, sonhar, sentir, ouvir e narrar é honrar a ancestralidade e transformar o sufoco

de tantos nós na garganta no ar puro que *confluencia* conhecimentos de múltiplos povos na salvaguarda da memória coletiva entrelaçada à Terra.

REFERÊNCIAS

CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Encontros: Eduardo Viveiros de Castro*. Organização de Renato Sztutman. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2008.

CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da História*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982 [1975]. p. 55-88.

CUNHA, Manuela Carneiro da. *Índios no Brasil: história, direitos e cidadania*. 2. ed. São Paulo: Claro Enigma, 2012. p. 109-120.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

GOMES, Ana Maria Rabelo; KOPENAWA, Davi. O Cosmo segundo os Yanomami: hutukara e urihi. *Revista da Universidade Federal de Minas Gerais*, Belo Horizonte, v. 22, n. 1 e 2 (2015): Diversidade, p. 142-159, 9 set. 2016. DOI: 10.35699/2316-770X.2015.2743. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistadufmg/article/view/2743>. Acesso em: 20 jul. 2025.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. 2. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). *Povo: Yanomami*. Povos Indígenas no Brasil. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Yanomami>. Acesso em: 10 jul. 2025.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Os indígenas no Censo 2022*. IBGE – Educa. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/criancas/brasil/nosso-povo/22324-os-indigenas-no-censo-2022.htm>. Acesso em: 10 jul. 2025.

KRENAK, Ailton; CASTRO, Eduardo Viveiros de. *Partículas particulares – Ailton Krenak e Eduardo Viveiros de Castro – Conversa na Rede*. YouTube, 16 ago. 2023. 45 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=wp5NlnNE4BI>. Acesso em: 10 jul. 2025.

KRENAK, Ailton. *Futuro ancestral*. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

KRENAK, Ailton et al. *Ideias para adiar o fim do mundo*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce (org.). *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. Tradução de Beatriz Perrone-Moisés; prefácio de Eduardo Viveiros de Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MBEMBE, Achille. Necropolítica. *Arte & Ensaios*, n. 32, p. 122-151, 2016.

MIGNOLO, Walter D. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, 2017. Tradução de Marco Oliveira (PUC-RJ). DOI: 10.17666/329402/2017. Disponível em:
<https://www.scielo.br/j/rbc soc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/?lang=pt>. Acesso em: 30 jul. 2025.

PARAHITERI, Pajés. *O surgimento dos pássaros: ou o livro das transformações contadas pelos Yanomami do grupo Parahiteri*. 2. ed. [S.l.]: Hedra, 2022.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. *Revista Trabalho Necessário*, Niterói, v. 22, n. 47, 22 fev. 2024. Disponível em:
<https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/62075>. Acesso em: 30 jul. 2025.

SANTOS, Antônio Bispo dos. *A terra dá, a terra quer*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2023.

SCHIFFLER, Michele Freire. Literatura, Oratura e Oralidade na Performance do Tempo. *REVELL: Revista de Estudos Literários da UEMS*, v. 2, n. 16, p. 112-134, 2017.

SONTAG, Susan. Contra a interpretação. In: *SONTAG, Susan. Contra a interpretação e outros ensaios*. Tradução: Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. p. 11-31.